

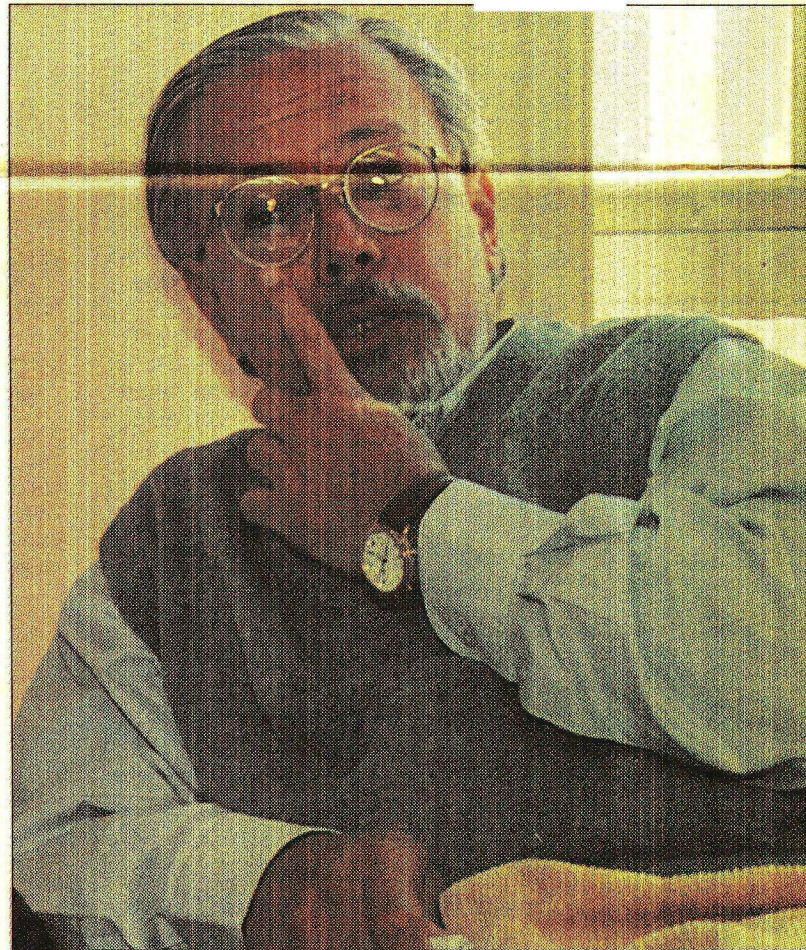
Mutirão da Vida atende a 2.739 pacientes

O esforço concentrado realizado pelas equipes de cirurgia da Fundação Hospitalar com a finalidade de acabar com a chamada fila da morte foi considerado "um sucesso" pelo secretário de Saúde, Antônio Ramalho Campos. Desde fevereiro, quando foram listadas 3.449 cirurgias em espera, foram realizadas 2.739, o que corresponde a cerca de 80% dos casos. "Todas foram concluídas sem óbitos", ressaltou o médico. Durante o período, foram feitos 15 mil exames.

Para atender aos pacientes, os médicos fizeram uma readaptação de horários e passaram a trabalhar extraordinariamente nos dias de sábado, domingo, feriados e também à noite, para aproveitar o tempo livre e também a disponibilidade das salas de cirurgia nos hospitais. Em média, foram realizadas 270 cirurgias por semana. Após ser implantado o sistema de gerenciamento das marcações, a lista de espera foi drasticamente reduzida.

Números

Os médicos descobriram que muitas pessoas, das 4.061 que aguardavam, já haviam realizado suas cirurgias em outros



Arquivo

ANTÔNIO Campos: "Tinha gente esperando há seis anos"

locais, outras não foram encontradas no endereço fornecido e em alguns casos um paciente estava inscrito em vários hospi-

tais. Com isso, o número caiu. "Tinha gente esperando há seis anos", revelou o secretário. O grupo que realizou o programa

de reforço cirúrgico já está estudando uma forma de resolver os casos dos 20% de cirurgias restantes (710 cirurgias) e também sistematizar uma forma de acabar com a formação de listas de espera.

A idéia, segundo Ramalho, é centralizar os agendamentos no computador e instalar uma central de gerenciamento das salas e médicos disponíveis. As unidades hospitalares da Asa Norte, por exemplo, já estão totalmente informatizadas. Com a rede, o médico dá as indicações ao auxiliar, que faz a consulta ao computador. Se tiver vaga, a operação é marcada na mesma hora.

Do total de cirurgias realizadas, 90,1% eram pacientes do DF, 5,4%, do Entorno e 4,5% de outros estados. "Não tinha sentido o GDF estar injetando recursos do Tesouro para resolver problemas de outros estados", explicou o secretário, acrescentando que só foram realizadas cirurgias em pacientes de outros estados quando se tratavam de casos importantes e realmente necessários.

O maior número de cirurgias foi realizado no Hospital Regional da Ceilândia, que

ultrapassou em 226,73% o seu atendimento. Foram listadas 101 cirurgias não realizadas, mas o hospital atendeu a 229 casos. No Hospital materno-Infantil de Brasília, o número também excedeu as expectativas. Ao invés das 258 cirurgias marcadas, foram atendidos 555 pacientes, um aumento de 215,12%.

Antônio Ramalho Campos disse que o esforço concentrado serviu para resolver o problema de saúde dos pacientes e também, segundo ele, para constatar que existe um número suficiente de anestesiologistas na rede hospitalar. Entretanto, para o diretor executivo da Fundação Hospitalar, Rafael Barbosa, ainda há carência desses profissionais.

Segundo Antônio Ramalho Campos, com o reforço cirúrgico surgiu também a idéia de encontrar uma nova forma de remuneração dos profissionais. Uma espécie de gratificação por produção, que já é utilizada em outras categorias e em outros países na área hospitalar.

TAÍS BRAGA

Repórte do **Jornal de Brasília**